

Sarney acredita na punição

JAN 1977

Se o senador José Sarney não estivesse pessoalmente convencido de que o governo federal interferirá na crise da Arena maranhense de forma politicamente desfavorável ao governador Nunes Freire, "ele já teria ordenado o fim da campanha de oposição" que seus partidários exercem na Assembleia Legislativa e na imprensa contra o governador do Estado. A informação foi prestada ontem em São Luís por um político intimamente ligado ao senador.

Enquanto isso, em Brasília, Sarney refutava as declarações que o ex-senador Vitorino Freire fez quarta-feira sobre a situação política de seu Estado. Negando-se a princípio a responder aos ataques que Vitorino Freire lhe dirigiu, Sarney posteriormente enviou nota aos jornalistas dizendo:

"Estas declarações têm a finalidade de provocar-me para desviar a opinião pública do que realmente ocorre no Maranhão. Não posso aceitar esse desafio nem participar de polêmicas sem nenhuma grandeza. Não estou envolvido pessoalmente neste assunto. O sr. Nunes Freire foi escolhido pela confiança do presidente Geisel, a quem deve contas, não a mim, não

sou eu quem está em causa. É o Maranhão e a coisa pública".

AS DEFESAS

O deputado arenista Luis Rocha; o vice-governador do Maranhão, José Murad; e o ex-interventor do município de Imperatriz, coronel Carlos Alberto Barateiro também defenderam-se em Brasília das afirmações feitas por Vitorino Freire.

Luis Rocha, agredido recentemente em uma praia de São Luís, lembrou que foi "o primeiro a dizer, respeitavelmente, que não dispunha de dados para dizer que a agressão se tratava ou não de atentado político. Sereno, espero as investigações".

O deputado assim se defendeu das acusações de um passado esquerdista:

"O sr. Vitorino Freire nunca teve nenhum compromisso com a verdade. Todo mundo sabe disso. Desafio-o a publicar manifesto que assinei, chamando os chefes militares de "gorilas" e pedindo a permanência do sr. João Goulart. É uma intriga de nível baixo. Sempre fui, desde estudante, da UDN, militando na oposição, enquanto Vitorino servia, apoiava, defendia todos os governos. Ele sim, insultou

os chefes militares da Revolução e a FAB quando chamou o brigadeiro Veloso e os bravos de Aragarças de "covardes", sendo repelido pelo senador Daniel Krieger, conforme consta de seu livro de memórias".

O vice-governador José Murad negou que tenha sido indicado para o cargo por Sarney. "Eu soube da minha escolha pelo governador Nunes Freire que me disse haver uma unanimidade em torno do meu nome, escolhido numa homenagem, justamente, ao ex-senador Vitorino Freire em face de sua estreita ligação com o meu sogro, o ex-senador Eugênio de Barros" — disse ele, lembrando que "desse fatos, os jornais da época dão testemunho".

Por sua vez, o coronel Carlos Alberto Barateiro, ex-interventor em Imperatriz, afirmou que não foi destituído do cargo por cometer desfalque na Prefeitura, mas "por motivos políticos, segundo me afirmou o governador Nunes Freire depois de elogiar minha atuação no desempenho daquele cargo". O coronel acrescentou que "não dá a ninguém o direito de ultrajar sua honra, como fez Vitorino Freire".

ESTADO DE SÃO PAULO

JAN 1977